



Copyright © 2012, Editora WMF Martins Fontes Ltda.,
São Paulo, para a presente edição.

1.^a edição 2012

Tradução

Jair Barboza

Revisão da tradução

Karina Jannini

Acompanhamento editorial

Luzia Aparecida dos Santos

Revisões gráficas

Ana Maria de O. M. Barbosa

Renato da Rocha Carlos

Edição de arte

Casa Rex

Produção gráfica

Geraldo Alves

Paginação

Casa Rex

Capa

Casa Rex

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Schopenhauer, Arthur, 1788-1860.

Bastar a si mesmo / Arthur Schopenhauer ; fotos Pedro Marinho ; tradução Jair Barbosa ; revisão da tradução Karina Jannini. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2012. – (Coleção ideias vivas / idealizada e coordenada por Gustavo Piqueira)

Título original: *Epistulae Morales ad Lucilium*.

ISBN 978-85-7827-562-4

1. Conduta de vida 2. Filosofia alemã 3. Schopenhauer, Arthur, 1788-1860 I. Piqueira, Gustavo. II. Marinho, Pedro. III. Título. IV. Série.

12-03027

CDD-193

Índices para catálogo sistemático:

1. Schopenhauer : Filosofia alemã 193

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora WMF Martins Fontes Ltda.

Rua Prof. Laerte Ramos de Carvalho, 133 01325-030 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 3293.8150 Fax (11) 3101.1042

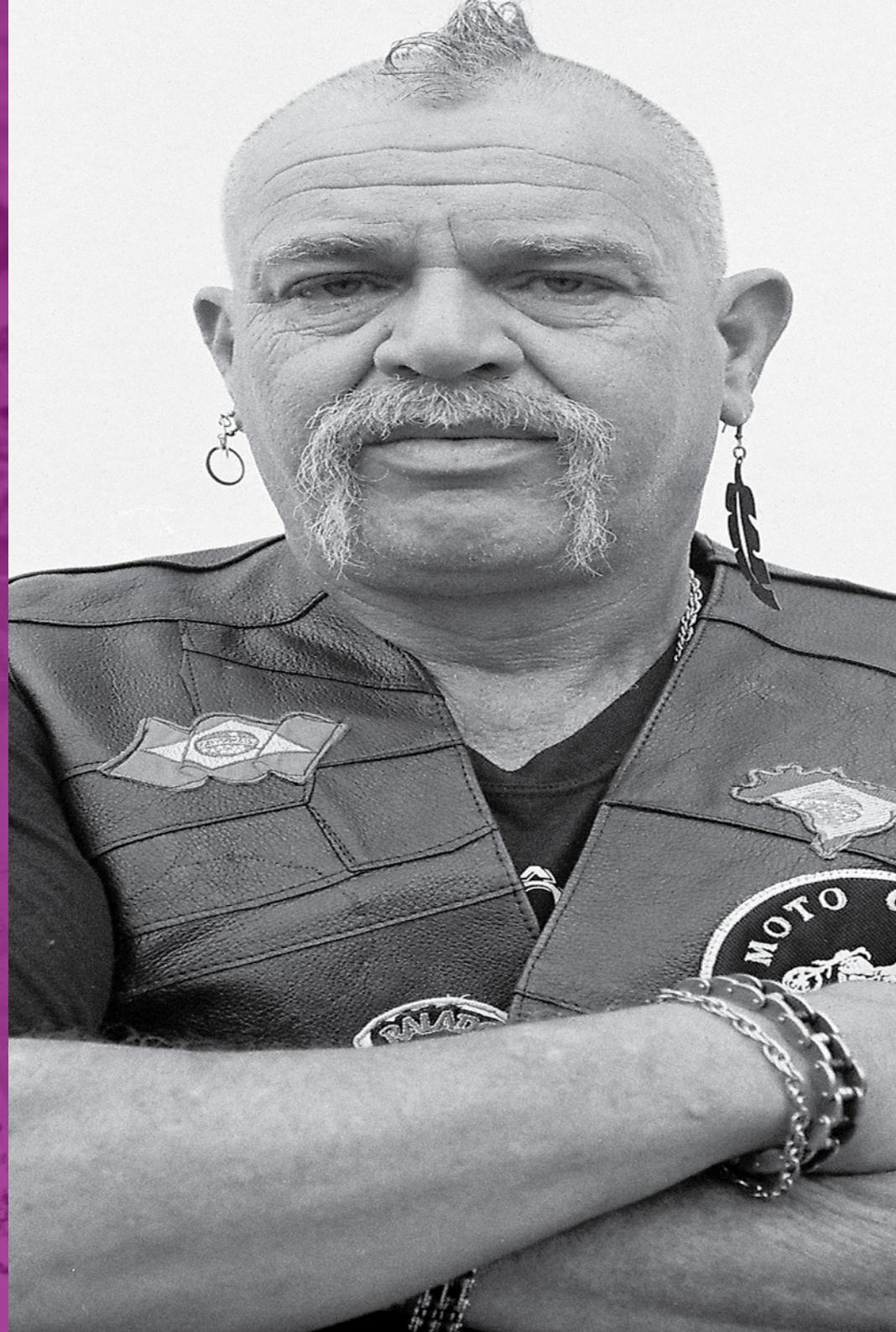
e-mail: info@wmfmartinsfontes.com.br <http://www.wmfmartinsfontes.com.br>


SCHOPENHAUER Bastar a si mesmo

fotos **Pedro Marinho**

tradução **Jair Barboza**

revisão da tradução **Karina Jannini**





Muitos vivem em demasia no presente: são os levianos; outros vivem em demasia no futuro: são os medrosos e os preocupados. É raro alguém manter com exatidão a justa medida.

Assim como o trabalhador

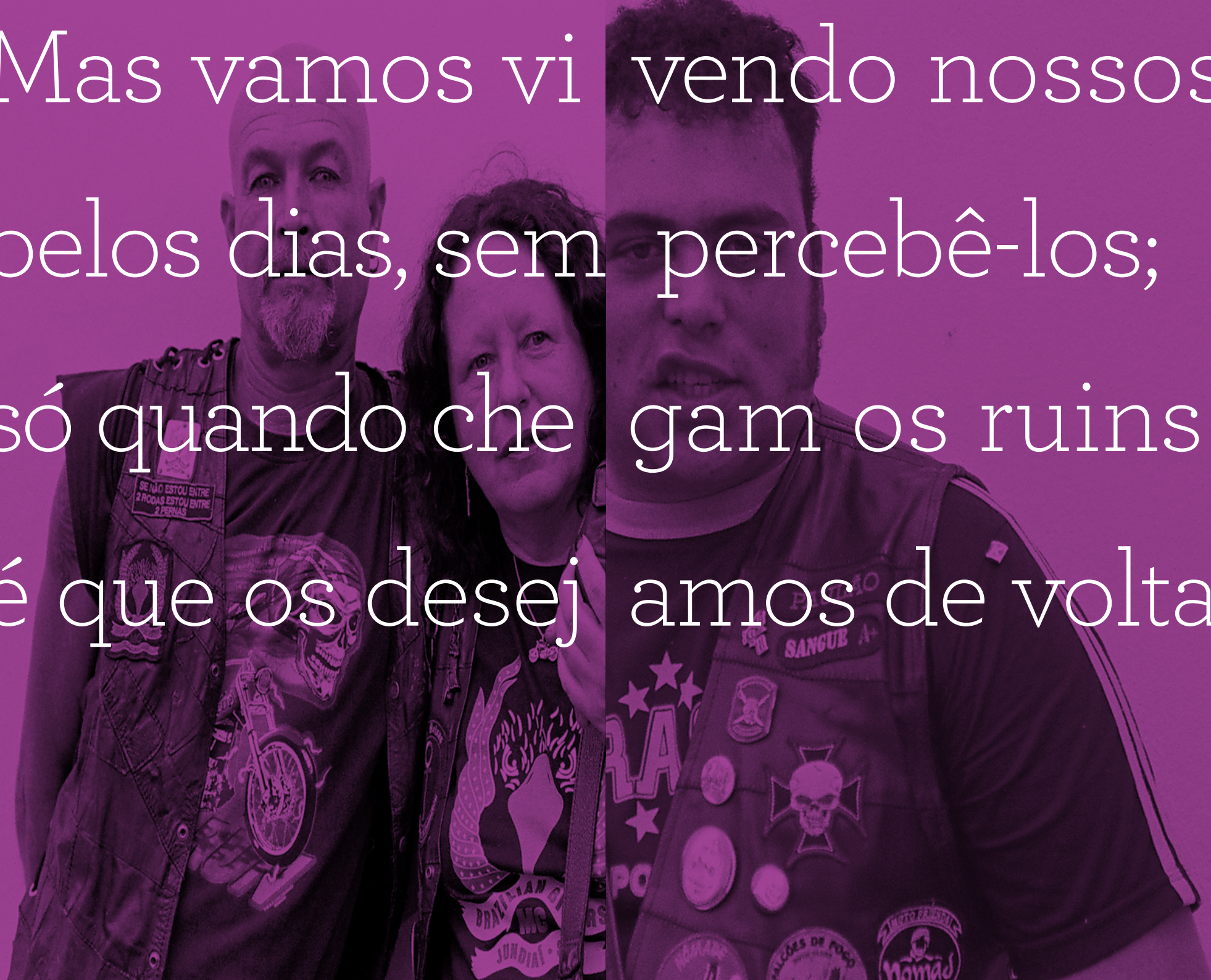
que ajuda a erguer um edifício não conhece o plano do conjunto ou não o tem sempre presente, o mesmo também se dá com o homem enquanto consome cada dia e cada hora de sua existência, em relação ao conjunto e ao caráter de sua vida. Quanto mais esse caráter for digno, significativo, sistemático e individual, tanto mais necessário e benéfico para ele será, de tempos em tempos, dar uma olhada em seu esboço reduzido, isto é, no plano de sua vida. Decerto, para isso, é preciso que ele tenha dado um pequeno passo no conhece-te a ti mesmo; portanto, precisa saber principalmente e antes de tudo o que em verdade quer. Em seguida, o que é essencial para a sua felicidade e o que vem em segundo e em terceiro lugar. Precisa também reconhecer em geral qual é a sua vocação, o seu papel e a sua relação com o mundo. Se tudo isso for significativo e grandioso, então o aspecto do plano de sua vida, em escala

reduzida, torná-lo-á, mais do que qualquer outra coisa, forte, seguro, altivo, encorajando-o à atividade e desviando-o de sendas perdidas.

Assim como o andarilho precisa subir num cume para ter uma visão panorâmica do caminho percorrido e reconhecê-lo como um conjunto, com todas as suas voltas e tortuosidades, nós também só reconhecemos a verdadeira concatenação de nossas ações, realizações e obras, a sua coerência precisa e seu encadeamento, além de seu valor, ao final de um período de nossa vida ou até mesmo da vida inteira. Pois, enquanto tudo isso nos ocupa, agimos apenas segundo as qualidades fixas de nosso caráter, sob a influência dos motivos e segundo a medida de nossas capacidades, isto é, sempre com necessidade absoluta, já que, em cada situação, fazemos simplesmente o que, naquele momento, parece-nos justo e apropriado. Só o resultado nos mostrará o que adveio de tudo isso, e só o olhar lançado para trás sobre o conjunto nos mostrará o como e o modo pelo qual. Da mesma maneira, também quando levamos a cabo os maiores feitos ou concebemos obras imortais, não estamos conscientes deles como tais, mas tão somente como apropriados aos nossos objetivos presentes e correspondendo às nossas intenções momentâneas, sendo, portanto, a coisa certa a ser feita. Só mais tarde, a partir da concatenação do conjunto, é que o nosso caráter e as nossas capacidades aparecem em plena luz. Em detalhes vemos, então, como tomamos o único caminho correto no meio de milhares de desvios, como se isso tivesse acontecido por inspiração, guiados pelo nosso *genius*. O que foi dito aqui se aplica tanto às coisas teóricas quanto às práticas e, em sentido inverso, às ruínas e erradas.

Um ponto importante da sabedoria de vida consiste na proporção correta com a qual dedicamos nossa atenção em parte ao presente, em parte ao futuro, para que um não estrague o outro. Muitos vivem em demasia no presente: são os levianos; outros vivem em demasia no futuro: são os medrosos e os preocupados. É raro alguém manter com exatidão a justa medida. Aqueles que, por intermédio de esforços e esperanças, vivem apenas no futuro e olham sempre para a frente, indo impacientes ao encontro das coisas que hão de vir, como se estas fossem portadoras da felicidade verdadeira, deixando entrementes de observar e desfrutar o presente, são, apesar de seus ares petulantes, comparáveis àqueles asnos da Itália, cujos passos são apressados por um feixe de feno que, preso por um bastão, pende diante de sua cabeça. Desse modo, os asnos veem sempre o feixe de feno bem próximo, diante de si, e esperam sempre

Mas vamos ver vendo nossos
belos dias, sem percebê-los;
só quando chegamos os ruins
é que os desejamos de volta.





alcançá-lo. Tais indivíduos enganam a si mesmos em relação a toda a sua existência, na medida em que vivem apenas *ad interim* [interinamente], até morrer. Portanto, em vez de estarmos sempre e exclusivamente ocupados com planos e cuidados para o futuro, ou de nos entregarmos à nostalgia do passado, nunca deveríamos nos esquecer de que só o presente é real e certo; o futuro, ao contrário, apresenta-se quase sempre diverso daquilo que pensávamos. O passado também era diferente, de modo que, no todo, ambos têm menor importância do que parecem. Pois a distância, que diminui os objetos para o olho, engrandece-os para o pensamento. Só o presente é verdadeiro e real; ele é o tempo realmente preenchido e é nele que repousa exclusivamente a nossa existência. Dessa forma, deveríamos sempre dedicar-lhe uma acolhida jovial e fruir com consciência cada hora suportável e livre de contrariedades ou dores, ou seja, não turvá-la com feições carrancudas acerca de esperanças malogradas no passado ou com ansiedades pelo futuro. Pois é inteiramente insensato repelir uma boa hora presente, ou estragá-la de propósito, por conta de desgostos do passado ou ansiedades em relação ao porvir. Que seja dedicado um tempo determinado à preocupação, sim, até mesmo ao arrependimento; depois, no entanto, deve-se pensar nos seguintes termos sobre o já acontecido:

MAS, POR MAIS QUE ISSO NOS CONTRARIE, ABANDONEMOS
O ACONTECIDO
E, POR MAIS DIFÍCIL QUE SEJA, DOMEMOS A CÓLERA EM
NOSSO CORAÇÃO.

(Homero, *Iliada*, XVII, 112-3)

E sobre o futuro:

ISSO REPOUSA NO COLO DOS DEUSES.

(Homero, *Ilíada*, XVII, 514; *Odisseia*, I, 267)

Mas, quanto ao presente: *Singulas dies singulas vitas puta* [Vê cada dia como uma vida própria] (Sêneca, *Epíst.*, 101, 10) e torna esse único tempo real o mais agradável possível.

Os únicos males futuros que encontram justificativa para nos inquietar são aqueles cuja aparição e o momento da aparição são certos. Mas estes são muito poucos, pois os males ou são meramente possíveis, quando muito verossímeis, ou são certos, mas seu momento de aparição é completamente incerto. Ora, se nos deixarmos enredar por essas duas espécies, então não teremos mais nenhum instante de paz. Portanto, para não perdermos a tranquilidade de nossa vida em virtude de males incertos ou indeterminados, temos de nos acostumar a ver os primeiros como se nunca fossem chegar, os outros, como se certamente não fossem chegar tão depressa.

Entretanto, quanto menos o indivíduo é incomodado pelo temor, tanto mais ele é inquietado por desejos, cobiças e pretensões. A tão apreciada canção de Goethe, *ich hab' mein' Sach auf nichts gestellt* (*Vanitas! Vanitatum vanitas!*) [em nada coloquei minhas esperanças], significa propriamente: só depois de o homem ter abdicado de todas as pretensões possíveis e de ter ficado reduzido à existência nua e crua é que se tornará partícipe daquela tranquilidade espiritual que constitui o fundamento da felicidade humana. Tranquilidade que é indispensável para fruirmos o tempo presente e, com ele, a vida na sua completude. Justamente com esse intento, devemos estar sempre conscientes de que o dia de hoje vem uma só vez e nunca mais. No entanto, presumimos que ele retornará amanhã; mas amanhã é

outro dia, que também vem uma só vez. Esquecemos que cada dia é uma parte integrante e, portanto, insubstituível da vida, e o consideramos antes como contido nela, do mesmo modo como os indivíduos estão contidos num conceito de conjunto. Também apreciaríamos e fruiríamos melhor o presente se, em dias de bem-estar e saúde, sempre estivéssemos conscientes de quanto, nas doenças e aflições, a lembrança nos exhibe cada hora sem dor e sem privação como infinitamente invejável, como um paraíso perdido, como um amigo que não soubemos reconhecer. Mas vamos vivendo nossos belos dias, sem percebê-los; só quando chegam os ruins é que os desejamos de volta. Milhares de horas serenas e agradáveis deixamos passar por nós, sem fruí-las e mostrando má vontade, para depois, em tempos sombrios, dirigirmos em vão o nosso anelo para elas. Em vez disso, deveríamos render homenagens a todo momento presente suportável, mesmo o mais ordinário, que tão indiferentes deixamos passar e que até mesmo, impacientes, afastamos. Devemos ter sempre em mente que tais momentos precipitam-se nesse mesmo instante naquela apoteose do passado, na qual, a partir de então, radiantes em virtude da luz da imperecibilidade, são conservados pela memória, para, especialmente nas horas ruins, quando ela ergue a cortina, exporem-se como objeto do nosso anelo mais íntimo.